

Recessão ou expansão? A economia endoidou

Sergio Amaral — 27/06/95

■ Enquanto as montadoras demitem, o setor de eletrodomésticos contrata

RAQUEL ALMEIDA E SONIA JOIA

O número de demissões na indústria paulista voltou a bater recordes em agosto, quando foram demitidos mais de 45 mil trabalhadores. Somente as montadoras de automóveis e de autopeças dispensaram três mil funcionários. As falências cresceram 211% em relação a agosto de 1994. As empresas do setor de vestuário e calçados acumulam retração nos negócios de 28%. Pintado com esses indicadores, o quadro da economia brasileira parece sombrio: recessão à vista.

Mas, no mesmo mês de agosto, as indústrias de bebidas comemoraram crescimento de 40% em suas vendas. O movimento nas agências de viagem é 18% superior ao do mesmo período do ano passado. As indústrias de eletrodomésticos batem recordes de vendas e os fabricantes de brinquedos apostam em expansão de 15% no faturamento do Dia das Crianças, segunda data do comércio do setor.

“Recessão? Nem pensar”, assegura o presidente da Associação Brasileira de Supermercados, Paulo Afonso Feijó, lembrando que haverá uma certa retração neste semestre, mas que ainda assim o setor espera expansão de 15% em relação a 1994.

Quem olha os dois cenários, acha que a economia brasileira enlouqueceu de vez. Mas os dois cenários são legítimos. A produção industrial do país caiu 2,5% de junho para julho, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A queda acumulada, de 13% desde dezembro, já reduziu os níveis de produção para um patamar 6% inferior à média mensal do primeiro ano de Plano Real.

Mas diversos setores continuam acelerados e com a utilização de capacidade instalada batendo na casa dos 90%, como os de celulose e de derivados de petróleo, fortes indicadores de crescimento. A geração e distribuição de energia elétrica, por exemplo, registrou elevação de 34,7% até julho.

Ajuste — O descompasso dos indicadores, que podem atender tanto a teses otimistas como pessimistas, comprova também a existência de um momento de ajuste mais profundo pelo qual passam determinados setores. Algumas empresas sofrem hoje não só pelo aperto ao crédito, mas também por má administração.

Outras subestimaram o efeito

das medidas de restrição ao consumo determinadas pelo governo no início do ano e a abertura da economia. A forte retração dos setores de vestuário e calçados é bom exemplo de um segmento que não estava preparado para a invasão dos importados. A pouca semelhança entre os indicadores passa ainda pelas diferentes metodologias adotadas, como as bases de comparação, e algum *chororô* exagerado de empresários.

Avaliações — Os economistas também não se entendem quando avaliam os sinais descontraídos da economia. “Isso que está acontecendo agora com as montadoras é um caso à parte. A indústria superestimou o aquecimento da demanda. Aconteceu a mesma coisa com os eletrodomésticos no início do plano”, diz o economista Dionísio Dias Carneiro, da PUC-RJ.

O ex-ministro Mário Henrique Simonsen afirma que, tecnicamente, o correto é falar em desaceleração, pois ainda não há dois trimestres consecutivos de queda do Produto Interno Bruto (PIB). Mas faz uma ressalva: “A questão é semântica. Para as empresas afetadas e os desempregados não faz diferença qual o nome que se dá”.

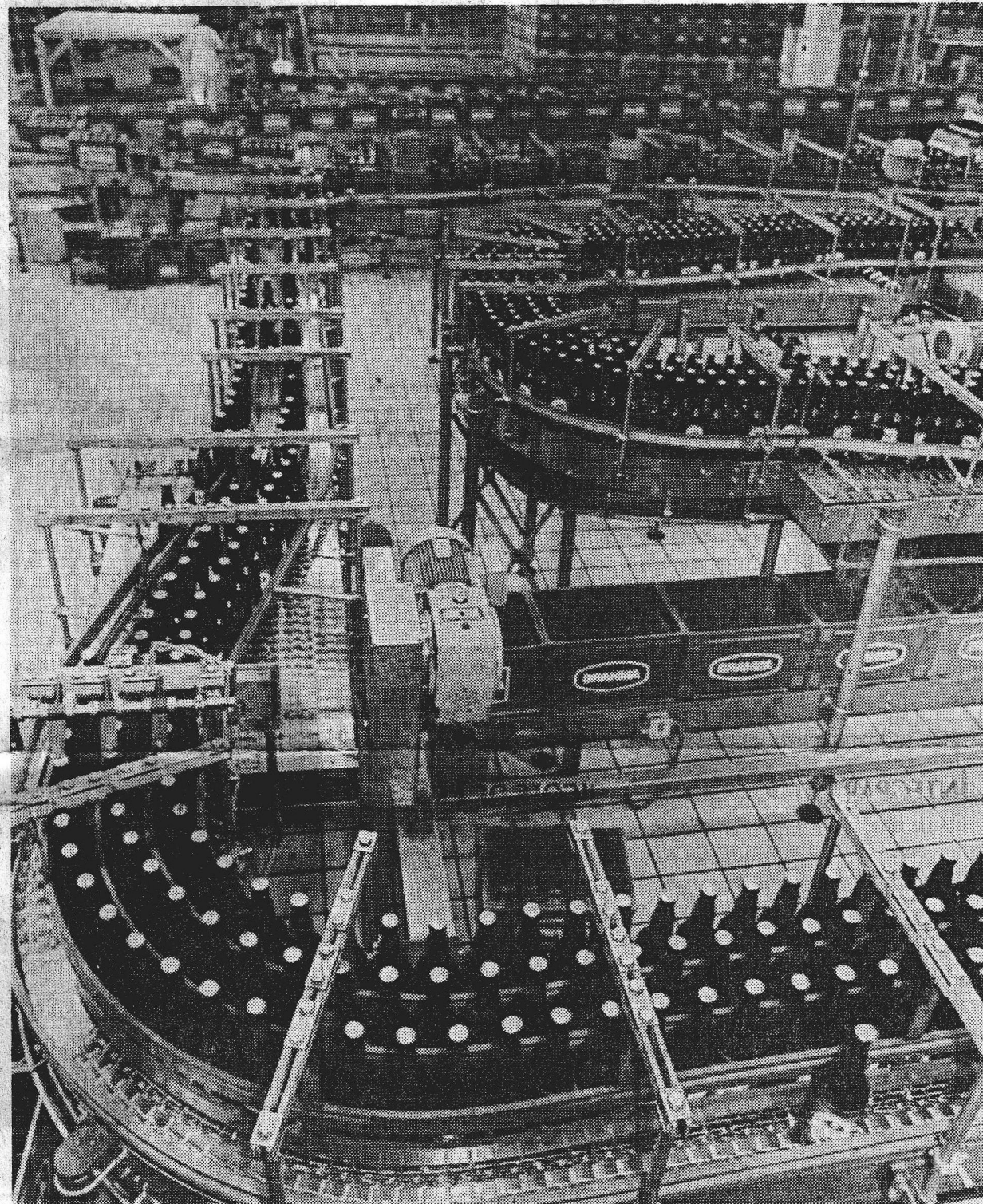
Nova retração — O indicador técnico é questionado por Silvio Salles, do IBGE. Ele acredita que o terceiro trimestre apresentará nova retração no PIB, mas isso não significará que o país está às portas de uma recessão. “O sinal predominante na produção é negativo. Mas há sinais de recessão em alguns setores e de expansão em outros”, diz Salles, cuja previsão para o ano é que a indústria cresça 3% — menos da metade do resultado nos dois últimos anos (7,5%).

“Implantou-se no país a idéia de que estamos em recessão. Lamento muito, mas não vão conseguir isso. Nem o Banco Central conseguiu, com todo o aperto no crédito”, argumenta Cláudio Considera, diretor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que prevê crescimento da indústria de 5,5% este ano.

O chefe do Centro de Estudos Tendências da Fundação Getúlio Vargas, Éden Gonçalves de Oliveira, também está no time dos que não acreditam em recessão. “Não se pode esquecer que a base de comparação a partir deste segundo semestre é muito alta, porque corresponde ao segundo semestre de 1994, o primeiro do Plano Real”, argumenta.



Sinal de recessão: montadoras de automóveis e indústria de autopeças demitiram três mil empregados



Sinal de crescimento: a indústria de bebidas teve aumento de 40% em suas vendas no mês de agosto

Arquivo